
**Trabalho e Contradições do Capital no Século XXI - Breve Ensaio sobre a
Catástrofe do Capitalismo Global**

**Labor and Capital Contradictions in the 21st Century- Essays on the
Catastrophe of Global Capitalism**

**Trabajo y Contradicciones del capital em el siglo XXI - Breves ensayos sobre la
catástrofe del capitalismo global**

Alves, Giovanni¹ (Marília, SP, Brasil)
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7745-855X>

Resumo

Nosso objetivo é apresentar as contradições do capital como sendo constituídas pelas contradições fundamentais e contradições metabólicas. As modalidades das contradições do capital se interrelacionam de modo complexo, compondo a crise estrutural do capital enquanto modo de produção e sistema de controle do metabolismo entre o homem e a natureza. Depois de apresentarmos as oito contradições fundamentais que compõem o modo de produção capitalista, iremos expor as contradições metabólicas que se manifestam na crise ecológica, crise sanitária e a crise humana que caracterizam o movimento da civilização do capital no século XXI. A partir da dialética marxiana exposta por Ruy Fausto iremos tratar dos elementos lógicos (e ontológicos) da crise estrutural do sistema do capital.

Palavras-chave: Trabalho. Capitalismo. Contradições. Saúde. Demografia. Ecologia.

Abstract

The article aims to present the contradictions of capital as being constituted by fundamental contradictions and metabolic contradictions. The modalities of capital contradictions are interrelated in a complex way, composing the structural crisis of capital as a mode of production and a system of metabolism control between man and nature. After presenting the eight fundamental contradictions that make up the capitalist mode of production, we will expose the metabolic contradictions that manifest in the ecological crisis, health crisis and the human crisis that characterize the movement of the civilization of capital in the 21st century. Based on the Marxian dialectic exposed by Ruy Fausto, we will deal with the logical (and ontological) elements of the structural crisis of the capital system.

Keywords: Work. Capitalism. Contradictions. Health. Demography. Ecology.

Resumen

El objetivo del artículo es presentar las contradicciones del capital como constituidas por las contradicciones fundamentales y las contradicciones metabólicas. Las modalidades de las contradicciones del capital están interrelacionadas de manera compleja, componiendo la crisis estructural del capital como un modo de producción y un sistema para controlar el metabolismo entre el hombre y la naturaleza. Después de presentar las ocho contradicciones fundamentales que conforman el modo de producción capitalista, expondremos las contradicciones metabólicas que se manifiestan en la crisis ecológica, la crisis de salud y la crisis humana que caracterizan el movimiento de la civilización del capital en el siglo XXI. Con base en la dialéctica marxista expuesta por Ruy Fausto, trataremos los elementos lógicos (y ontológicos) de la crisis estructural del sistema de capital.

Palavras-Clave: Trabajo. Capitalismo. Contradicciones. Salud. Demografía. Ecología.

Introdução

¹ Professor da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e professor do programa de pós-graduação da UNESP e do Doutorado da UNICAMP. giovanni.alves@uol.com.br

“A esperança está latente nas contradições”
(Bertold Brecht)

Pretendemos distinguir como sendo onze as contradições do capital, organizando-as em duas categorias: “contradições fundamentais” do modo de produção capitalista e “contradições metabólicas” do capital. As contradições metabólicas do capital são aquelas que dizem respeito às contradições do metabolismo ecológico (crise ecológica), do metabolismo social (crise sanitária) e do metabolismo demográfico (mudanças demográficas). Elas são contradições perigosas na medida em que explicitam (como “operadores heurísticos”²), a natureza do capital e de seu processo de acumulação de mais-valor no século XXI. Elas expõem a lógica estrutural do sistema da relação-valor. Por exemplo, o novo metabolismo demográfico do século XXI caracterizado pelo envelhecimento da força de trabalho, expõe a incapacidade estrutural do modo de produção e reprodução social em acolher, com dignidade humana, as pessoas envelhecidas que trabalham.

As contradições metabólicas interrelacionam-se com as contradições fundamentais do modo de produção capitalista (ALVES, 2018). Elas compõem o todo complexo do desenvolvimento histórico da civilização do capital. No caso da *emergência* do novo metabolismo demográfico do século XXI, caracterizado pelo envelhecimento populacional, explicitou-se a contradição entre o capital e o envelhecimento humano, manifestando-se com vigor a alienação universal (o estranhamento) que caracteriza ontologicamente o modo de produção capitalista. Ao mesmo tempo que observamos a redução dos limites naturais pelo processo civilizatório do capital, as sociedades capitalistas tornaram-se “sociedades das pessoas sem valor” (PIQUERAS, 2018). Tal alienação universal do metabolismo social do capital se exprime na crise da saúde humana (física e mental). Ela se manifesta também na nova pobreza do mundo do trabalho e no aumento da

² Por “operadores heurísticos” compreendemos aqueles eventos que expõem, explicitam ou mesmo revelam a natureza do ser social. Por exemplo, a “crise humana” decorrente do novo metabolismo demográfico deve explicitar (e expor) a lógica da “escassez social” como sendo o modo de ser do desenvolvimento do modo de produção capitalista. A palavra “heurística” provém do grego antigo εὕρισκω, transl. *heurísko*, 'eu encontro', 'eu 'acho' (de εὕρισκειν, transl. *heurískein*: 'encontrar', 'descobrir', 'inventar', 'obter'). Tem a mesma origem da exclamação “heureca” (em grego antigo, εὕρηκα, transl. *heúrēka*: 'achei!'), atribuída ao matemático grego Arquimedes (287–212 a.C.). Como substantivo, heurística identifica a arte ou a *ciência do descobrimento*. Quando aparece como adjetivo, refere-se a coisas mais concretas, como estratégias heurísticas, regras heurísticas ou silogismos e conclusões heurísticas.

desigualdade social no século XXI, que explicitaram (como manifestações da “escassez social”), por outro lado, a contradição histórica da forma-valor (valor de uso e valor de troca - a contradição fundamental de número 1).

As Contradições Fundamentais do Capitalismo

Iremos indicar oito contradições fundamentais do modo de produção capitalista, elementos estruturais do movimento da produção (e reprodução) ampliada do capital, que constituem a “pletora”³ de contradições impulsionadas pelo movimento da acumulação do capital: (1) a contradição primordial entre valor de uso e valor de troca no seio da forma-mercadoria; (2) a contradição da acumulação capitalista que conduz à superprodução de mercadorias, ao mesmo tempo que corrói a base da procura solvente (demanda efetiva); (3) a contradição entre a ampliação das necessidades e carecimentos sociais e os limites estruturais da forma-mercadoria; (4) a contradição entre a produção cada vez mais socializada e a apropriação privada cada vez mais concentrada; (5) a contradição entre a crescente racionalização intra-empresa e o aumento da irracionalidade social; (6) a contradição entre a concorrência, que conduz ao aumento da produtividade do capital e aumento da composição orgânica do capital, e ao mesmo tempo, eleva a pressão pela queda da taxa média de lucro; (7) a contradição entre o desenvolvimento da forma material (a base técnica da produção social) e os limites da forma social (o fenômeno da “desmedida do valor” que leva o capital a negar seu fundamentos); e (8) a contradição entre o aumento das forças produtivas e da capacidade humana na redução das barreiras naturais e o desenvolvimento da personalidade humana (o que Lukács denominou “estranhamento”) (LUKÁCS, 2013).

³ Na medicina, “pletora” diz respeito ao aumento de volume de sangue no organismo, que provoca inturgescência vascular. Na Botânica, trata-se da produção anormal e excessiva de seiva que provoca produção anormal e excessiva de folhas. A idéia de pletora de contradições do capital expressa – em termos metafórico - o movimento do valor em processo de valorização como sendo caracterizado pelo “excesso”. A melhor expressão do capital como movimento do “excesso” é a crise de superprodução (a contradição da acumulação capitalista que conduz à superprodução de mercadorias, ao mesmo tempo que corrói a base da procura solvente, a demanda efetiva).

Quadro 01 - Contradições Fundamentais do capitalismo

Valor de uso – valor de troca
Superprodução – Demanda efetiva
Necessidades sociais – Forma-mercadoria
Produção social – Apropriação privada
Racionalização intra-empresa – irracionalidade social
Concorrença/Produtividade do Trabalho > Aumento da Composição Orgânica do Capital > Queda da Taxa Média de Lucro
Processo civilizatório – Deformação da Personalidade Humana
Forma material (base técnica) – Forma social (forma-valor)

Fonte: Quadro 01 elaborado pelo autor

A superprodução de mercadoria no mundo social do capital existe apenas em comparação com a procura solvente, mas não em comparação com as necessidades reais da sociedade (*contradição 2*). A irracionalidade social que se dissemina pela sociedade burguesa desenvolvida, é expressão da anarquia da produção capitalista de mercadorias. Durante as crises capitalistas, as massas trabalhadoras sentem uma privação particularmente aguda do mais essencial, suas necessidades são satisfeitas em condições piores do que em qualquer outra época. Por exemplo, massas de milhões passam fome porque foi produzido demasiado trigo; pessoas padecem de frio porque se extraiu demasiado carvão. Enfim, os trabalhadores são privados dos meios de vida, precisamente porque produziram estes meios de vida em quantidade demasiada. Tal é a escandalosa contradição do modo de produção capitalista, no qual, segundo as palavras do socialista utópico francês Fourier, a abundância torna-se fonte de indigência e privações.

Nos modos de produção pré-capitalistas, as comoções da vida da economia ocorriam frequentemente. Mas eram provocadas por calamidades naturais ou sociais: inundações, secas, guerras sangrentas ou epidemias que devastavam, às vezes, países inteiros, e condenavam as populações à fome e ao perecimento. A distinção radical entre as comoções da vida social provocadas pelas crises nos modos de produção pré-capitalistas e as comoções sociais provocadas pelas crises capitalistas reside em que naquelas, a fome e a miséria eram consequência do desenvolvimento insuficiente da produção e portanto, da escassez aguda de produtos. Enquanto isso, no capitalismo, as comoções da vida social são geradas pela superprodução de mercadorias, pelo “excesso” relativo de mercadorias produzidas em relação à procura solvente (ou demanda efetiva) capaz de dar lucro ao capitalista. Esta é a irracionalidade primordial da ordem social do modo de produção capitalista que permeia as formas ideológicas na sociedade burguesa.

Desde que nasceu como modo capitalista de produção, a crise com sua dimensão irracional, faz parte da acumulação de mais-valor. A produção e a circulação mercantil simples encerravam em termos lógico-ontológicos, a possibilidade das crises (a contradição 1 entre valor de uso e valor de troca). Entretanto, as crises só se tornam inevitáveis no capitalismo, quando a produção adquiriu um caráter cada vez mais social, isto é, enquanto o produto do trabalho socializado de muitos milhares e milhões de trabalhadores assalariados destinou-se à apropriação privada dos capitalistas.

No plano da *aparência*, a contradição 4 é a contradição crucial do sistema irracional do capital como modo de produção capitalista: a contradição entre o *caráter social* da produção e a *forma privada* de apropriação capitalista dos resultados da produção cada vez mais socializada. É esta contradição *aparente* que constitui o fundamento ontológico das crises de superprodução/subconsumo da economia capitalista. Ela expõe no plano da aparência, o movimento essencial da acumulação do capital que é o aumento da taxa de lucro por meio da exploração da força de trabalho na esfera de produção.

A lei geral da acumulação do capital afirma que, na medida em que se desenvolve a concorrência no mercado mundial, aumenta-se o investimento em *capital constante*, em detrimento do investimento em *capital variável* (aumento da

produtividade do trabalho), expondo a contradição 5. Deste modo, ocorre o aumento da superpopulação relativa do capital e aumenta-se a composição orgânica do capital, a relação C/V, que *tende a pressionar para baixo a taxa média de lucro*, dando origem às crises do modo de produção capitalista (contradição 6). Assim, o capital ao desenvolver-se como valor em processo, nega a si próprio – inclusive no plano da forma-valor (contradição 7). No plano da *aparência*, a crise de lucratividade *aparece* como crise de superprodução e subconsumo. No sistema irracional do capital, a inevitabilidade das crises radica-se no próprio sistema de economia capitalista.

Mas são múltiplas as contradições do sistema irracional do capital. Como a contradição 5, ela se manifesta como oposição entre a organização da produção nas empresas em separado e a anarquia da produção no conjunto da sociedade. Deste modo, em cada local de trabalho, a organização do trabalho e do processo de produção subordinado à racionalidade instrumental da vontade do empresário ou gestor de produção, conduz à intensificação do processo de racionalização que tem caracterizado o desenvolvimento da administração das empresas no século XX. Entretanto, na sociedade capitalista em conjunto, como resultado do domínio da propriedade privada dos meios de produção, reina a anarquia da produção, que exclui o desenvolvimento planejado da economia do trabalho e da organização da produção. Por isso, são inevitavelmente violadas as condições complexas que se fazem necessárias para a *realização* do produto social na reprodução ampliada capitalista. Estas violações se acumulam gradualmente enquanto não irrompe a crise, momento em que o processo de realização chega a um completo transtorno. A lógica do *toyotismo* é a expressão máxima da racionalidade intra-empresa e da irracionalidade social.

Finalmente, a irracionalidade do modo de produção capitalista expressou-se nas formas ideológicas que se originam da lógica cultural da sociedade burguesa tardia. O desenvolvimento capitalista não é apenas um modo de acumulação de capital como mais-valor, mas um modo de acumulação do capital como “contradição viva”. Na medida em que se acumulam as contradições do capital, que são muitas, a ofensiva do capital como sistema de regulação sociometabólico no plano do mercado global, explicita-se com a construção da macroestrutura ideológica e cultural capaz de repor a hegemonia social do capital. Por exemplo, a ideologia do pós-modernismo foi

considerada por Fredric Jameson (1992) como sendo a ideologia do capitalismo tardio, possuindo uma homologia estrutural, no plano do pensamento, com a dinâmica da valorização fictícia descolada do mundo real. Na medida em que a lógica da valorização fictícia é um movimento de deslocamento de contradições, ela *oculta*, por exemplo, as contradições “primitivas” da forma-mercadoria, isto é, a contradição originária entre valor de uso e valor de troca. Ao dissolver a referência à Razão histórica como uma garantia de possibilidade de compreensão do mundo por meio de esquemas totalizantes, a ideologia do pós-modernismo celebrou o reino da *indeterminação* e do *relativismo cognitivo*, paralisando a práxis sócio-histórica⁴.

As Contradições Metabólicas do Capital

De acordo com a perspectiva ontológica de Lukács (1978), o desenvolvimento histórico do processo civilizatório do capital ativou “contradições de tipo cada vez mais elevadas, cada vez mais fundamentais”, que podem ser “aparentemente insolúveis”. Podemos dizer que tais contradições de tipo mais elevado são as “contradições metabólicas” que se distinguiriam das contradições fundamentais do modo de produção capitalista indicadas acima. Na medida em que são “contradições metabólicas”, elas dizem respeito à relação do homem com a natureza, e portanto, do homem consigo mesmo, mediada pelas “mediações de segunda ordem” do capital (MÉSZÁROS, 1973). Elas implicam a relação dialética entre o ser social e o ser orgânico. É como ser orgânico – e não apenas como ser social – que o homem está sendo provocado pela relação-valor ou pelo modo de produção capitalista (MARQUES, 2015; FOSTER, 2015).

Podemos considerar como sendo “contradições metabólicas” do capital, as contradições históricas entre o capital e a (1) *natureza externa* (clima, rios, florestas e mares, isto é, o meio-ambiente natural propriamente dito); ou a contradição entre o

⁴ Desde meados da década de 1970, a ideologia do pós-modernismo compunha o movimento de reação ideológica e cultural à crise do capitalismo mundial representada no projeto fordista-keynesiano de celebração da alta modernidade. Por exemplo, em “O Pós-Moderno” (de 1979), François Lyotard caracterizou a nova era histórica do capital em crise como sendo a “pós-modernidade”, onde ocorreria a morte das “grandes narrativas” totalizantes, fundadas na crença no progresso e nos ideais iluministas de igualdade, liberdade e fraternidade (LYOTARD, 1985). O *ethos* do pós-modernismo percorreu a década de 1980 tornando-se a ideologia predominante da nova condição sociocultural e estética prevalecente no auge do capitalismo global após a queda do Muro de Berlim (1989), o colapso da União Soviética (1992) e a “crise das ideologias” nas sociedades ocidentais no final do século XX. O pós-modernismo como ideologia sociocultural desarmou o espírito humano para a crítica radical do mundo social do capital.

capital e a (2) *saúde humana*, isto é, o equilíbrio da natureza interna do homem (a saúde física e saúde mental, isto é, o equilíbrio entre mente e corpo abalado pelos cataclismas epidemiológicos e pelos transtornos psicológicos: estresse, ansiedade, depressão ou *burn-out*); e a contradição entre o capital e (3) *envelhecimento humano*, que expõe a problemática do senescência, envelhecimento e senescência da força de trabalho nas condições históricas das “sociedades das pessoas sem valor”. Como salientamos alhures, citando Marx (1985), *o homem vive da natureza*, o que significa:

a natureza é o seu corpo, com o qual tem que permanecer em constante processo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interligada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interligada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza. (MARX, 2004).

As “contradições metabólicas” do capital acompanham as “contradições fundamentais” do modo de produção capitalista, explicitando-se como *crise ecológica*, *crise sanitária* e *crise humana*. Elas dizem respeito às “fraturas metabólicas” operadas pelo capital no corpo orgânico do homem (a natureza externa e a natureza interna do homem).

A “fratura metabólica” é a desconexão ou o desequilíbrio da interação metabólica entre a humanidade e o resto da natureza derivada da produção capitalista e da crescente divisão entre a cidade e o campo. A ideia de “fratura metabólica”, de acordo com John Bellamy Foster (2005), foi desenvolvida nas primeiras reflexões de Marx nos “Manuscritos econômicos e filosóficos” (como citamos acima). Nos seus livros, Foster desenvolveu o conceito de “fratura metabólica” nas reflexões de Marx sobre capitalismo e agricultura. Marx apresentou “uma maneira sólida e científica de representar o intercâmbio complexo e dinâmico entre os seres humanos e a natureza, resultado do trabalho” (FOSTER, 2005).

Diferenciando-se dos que atribuíram a Marx uma indiferença pela natureza, Foster encontra na teoria da “fratura metabólica” a evidência da perspectiva ecológica de Marx. A teoria da “fratura metabólica” permite desenvolver uma crítica da degradação ambiental que antecipou grande parte do pensamento ecológico atual, incluindo as questões de sustentabilidade. Ao desdobrarmos as contradições metabólicas do capital para além da crise ecológica, que diz respeito à “fratura metabólica” entre o homem e a natureza externa, consideramos também como “fratura

metabólica”, as crises sanitárias (epidemias, pandemias e surtos de adoecimento mental) e a crise humana que diz respeito à desvalorização da força de trabalho humana envelhecida. Na verdade, as contradições metabólicas do capital se interrelacionam de modo complexo; e compõem, ao lado das contradições fundamentais do modo de produção capitalista (salientadas acima), o cenário da crise estrutural do capital.

Nas condições históricas do capitalismo global, as “contradições metabólicas” se manifestam de forma global, possuindo uma dinâmica histórico-geográfica bastante específica (o movimento da cumulatividade e longa temporalidade histórica). Na medida em que expressam *fenômenos complexos*, as contradições metabólicas adquirem o caráter de *emergência* histórica - no sentido de serem manifestações da complexidade (FOLLONI, 2016).

A pandemia do novo coronavírus foi o elemento disruptivo – explosivo – da crise ecológica. Mas a “fratura metabólica” do capital opera também com elementos não-disruptivos, elementos cumulativos, quase silenciosos, e que, numa longa temporalidade histórica tem características catastróficas para o mundo do trabalho. Por exemplo, a mudança climática por conta do aquecimento global é um elemento não-disruptivo da crise ecológica. Ela provoca mudanças climáticas que afetam a produção agrícola e as populações proletárias pobres e envelhecidas do mundo do trabalho nas metrópoles. A disseminação de problemas de saúde física e mental da força de trabalho envelhecida global é outro elemento não-disruptivo da crise sanitária do capital. Como alienação e auto-alienação do trabalho vivo, a crise sanitária encontra seu caráter catastrófico na precariedade dos sistemas públicos de saúde e de assistência social. Finalmente, o envelhecimento populacional e da força de trabalho global no século XXI – conjugados com os outros elementos das contradições metabólicas do capital – constitui também elemento não-disruptivo que se configura no século XXI como sendo uma crise humana por expõe a face do necrocapitalismo diante de suas contradições estruturais. O novo metabolismo demográfico do capital deve explicitar no século XXI, a camada social do proletariado: o gerontariado constituído pelo precariado envelhecido, os trabalhadores “mais velhos” e idosos precarizados nos seus direitos previdenciários.

Contradições metabólicas e a crise estrutural do capital

As contradições perigosas ou contradições metabólicas expõem os limites do capital. É por isso que podemos caracterizar a crise estrutural do capital como sendo a forma histórico no interior da qual o capital opera seus limites que, na fase elevada do processo civilizatório, adquirem feição catastrófica. No plano do movimento da acumulação do capital no século XXI, coloca-se a seguinte questão: de que maneira o capital deve se adaptar para conciliar as disparidades entre o seu processo de acumulação, que é necessariamente exponencial, e as condições que podem limitar a capacidade de crescimento exponencial do capital, tais como, por exemplo, as mudanças demográficas que caracterizam o século XXI?

Ao discutir o que ele denominou de “contradições perigosas”, David Harvey (2013) começou discutindo o problema do crescimento exponencial (onde tratou das mudanças demográficas); e depois, discutiu a relação do capital com a natureza (crise ecológica); e, por fim, o que ele denominou “revolta da natureza humana (a alienação universal)”. Interessa-nos verificar como ele aborda o problema do crescimento exponencial do capital, pois ele é a raiz da contradição entre o capital e o envelhecimento humano. Ao tratar do crescimento exponencial, Harvey salientou que as mudanças demográficas colocam dificuldades estruturais para o movimento da acumulação do capital no século XXI. Diz ele que, para que o padrão de vida possa se sustentar, a economia tem de crescer pelo menos a taxas iguais à da população. Portanto, existe uma relação entre as trajetórias demográficas e a dinâmica da acumulação do capital. Com o envelhecimento populacional no século XXI, a população mundial deve se estabilizar durante este século, atingindo um máximo de 12 bilhões de pessoas (ou talvez menos, em torno de 10 bilhões) até o fim do século e, a partir de então, mantenha uma taxa estável de crescimento zero. David Harvey não discute a natureza das mudanças demográficas (o que iremos discutir nos próximos capítulos), caracterizada pelo envelhecimento da força de trabalho por conta do novo regime de fertilidade do trabalho vivo. Este é o novo padrão demográfico do capital.

No futuro, a acumulação de capital terá de se apoiar cada vez menos no crescimento demográfico para se manter ou impulsionar seu crescimento exponencial; e as dinâmicas de produção, consumo e realização do capital terão – de acordo com

Harvey - de se ajustar às novas condições demográficas. Ele afirma que é impossível imaginar que a acumulação de capital possa abandonar o crescimento exponencial dos últimos dois séculos, culminando numa economia estável de crescimento zero. Diz ele:

O capital é a busca de lucros. Para todos os capitalistas, realizar lucro positivo é ter mais valor no fim do dia do que tinha no início. Isso significa uma expansão da produção total do trabalho social. Sem essa expansão, o capital não existe. O crescimento zero define uma condição de crise para o capital. Quando se prolonga, um crescimento zero como o que predominou em grande parte do mundo na década de 1930 é uma sentença de morte para o capitalismo (HARVEY, 2016).

Deste modo, existe uma *barreira* demográfica, ou limite interno do capital, que deve se impor à acumulação de capital no século XXI. O envelhecimento da força de trabalho que caracteriza o novo metabolismo demográfico do capital é um *limite como barreira* para o capital em sua sanha de crescimento exponencial. Ele faz parte do novo metabolismo do homem com a natureza (natureza externa e natureza interna, isto é o próprio homem), sendo constituído por um novo regime de fertilidade, além de caracterizar-se pelo aumento da expectativa de vida e da longevidade humana. O processo de desenvolvimento da relação-valor produz uma sociedade do trabalho vivo envelhecido que, como iremos ver, torna-se um *fardo* para o capital.

A discussão da crise enquanto dialética entre as barreiras (*Schranke*) ou o limite (*Grenze*) do capital; ou ainda, da crise enquanto dialética da finitude e infinitude (a partir de Ruy Fausto, 1987), é importante para expormos – de modo introdutório - a natureza endógena – isto é, intrínseca ao próprio desenvolvimento interno do sistema - da crise humana do século XXI (o envelhecimento humano na sociedade das pessoas sem valor).

Contradições metabólicas como limites internos do capital

As contradições metabólicas não são dadas desde o início do modo de produção capitalista, embora pertençam hoje à sua interioridade. A rigor, nos modos de produção pré-capitalistas não havia a “fratura metabólica” entre o homem e a natureza. Deste modo, a interioridade dos elementos metabólicos enquanto pressuposições da produção do capital, consistia precisamente – de início - numa exterioridade. Ela – a natureza externa e a natureza interna do homem (o corpo e

mente do organismo humano e sua população com seu regime de fecundidade) caracterizavam outros modos de produção pré-capitalistas, não nascendo do desenvolvimento do capital, embora tenham estado lá desde o início, como pressuposição do modo de produção. Esta presença imediata é “exterioridade”, o que permite chamá-los, *num primeiro momento*, de barreiras (*Schranke*) e não de limites (*Grenze*). Como salientou Ruy Fausto (1987), o limite do capital é o ponto além do qual é impossível a conservação do sistema, mas se pode dizer também que a autoconservação do sistema é seu limite.

Entretanto, o capital, no seu desenvolvimento histórico, subsumiu seus elementos metabólicos pressupostos (a natureza externa e interna do homem). Enquanto barreiras externas postas, a produção do capital os incorporou em si e para si, e portanto, ultrapassou-os na medida em que ocorreu a produção (e reprodução) da natureza externa e interna do homem à sua imagem e semelhança (a natureza do capital). Abriu-se deste modo, a “fratura metabólica” entre o homem e a natureza.

No início, o capitalismo *não* tem barreiras internas, mas tem limites imanentes que compõem as suas contradições fundamentais e que coincidem com a natureza do capital, e com as suas determinações essenciais e fundamentais (FAUSTO, 1987). Como dissemos, de início, os elementos metabólicos da natureza indicados acima são barreiras externas. Diz Fausto citando Marx:

“(...) o capital” (...) derruba “todas as barreiras que freiam o desenvolvimento das forças produtivas, a ampliação das necessidades, a multiplicidade da produção” (...). Em parte, já são limites postos como barreiras, mas o capital os ultrapassa. As barreiras se repõem, entretanto, e seu movimento aparece como um mau infinito. Mas chegando a um certo ponto, o sistema entra em crise. Isto significa que num certo ponto (que se pode chamar de limite), *os limites internos do capital se transformam em barreiras que ele não pode mais ultrapassar* [o grifo é nosso] (FAUSTO, 1987).

Deste modo, as barreiras externas – os elementos metabólicos – são incorporadas de início pelo capital, sendo ultrapassados como *limites postos como barreiras* que o capital os ultrapassa. Entretanto, na medida em que se desenvolve a relação-valor ou o modo de produção capitalista propriamente dito, a natureza do capital – a natureza externa e interna à sua imagem e semelhança - se repõe como barreiras internas (que se pode chamar de limite). Deste modo, como salienta Fausto, os limites internos do capital se transformam em barreiras que ele não pode

ultrapassar. Esta é a fase de desenvolvimento das contradições metabólicas que compõem – ao lado das contradições fundamentais – a crise estrutural do capital.

Portanto, num primeiro momento, os elementos metabólicos da natureza externa e interna, são “exterioridades” que não são imediatamente inerentes ao capital. Depois, na medida em que ocorre o desenvolvimento do sistema, eles são incorporados e tornam-se limites postos como barreiras, sendo ultrapassados, convertendo-se na natureza do capital, demarcada por fissuras metabólicas. Entretanto, na medida em que tornam-se barreiras internas e implicarem-se com as contradições fundamentais do capitalismo, constituindo com elas um todo complexo, elas são postas como limites internos do capital, isto é, “barreiras que ele [o capital] não pode mais ultrapassar”. Assim, como nos lembra Ruy Fausto, o limite do capital é o ponto em que a expansão do sistema não é mais possível. A exposição da dialética da crise do sistema é apresentada sob forma temporalizada, delineando-se no tempo o processo que conduz à negação do sistema. Interessa ao filósofo brasileiro tematizar sua lei tendencial, em que o tempo não é cíclico, mas opera com passagens da quantidade à qualidade e saltos ontológicos que implicam no movimento de corrupção do sistema. O que caracteriza a modalidade neste nível é a passagem do necessário ao impossível na medida em que a necessidade do sistema se interverte em sua impossibilidade (OLIVEIRA, 2004).

Portanto, ao incorporar, de início, as “barreiras externas” (a natureza) como limite visando ultrapassá-las, o capital só os ultrapassou (*darüber weg*) idealmente (*ideel*), não significando que ele de forma alguma, as tenha vencido realmente (*real*); e como cada uma dessas barreiras contradiz a determinação do capital, sua produção se move em contradições que são constantemente vencidas, mas igualmente constantemente postas. Portanto, a subsunção “real” da natureza - externa e interna, incluindo o trabalho vivo - ou a produção da natureza do capital, não significou o ultrapassamento *real* da natureza enquanto barreira posta como limite pelo capital, mas sim apenas, seu ultrapassamento *ideal*. Engendra-se no movimento do capital diante da natureza, um “mau infinito”, utilizando a lógica dialética de Hegel conforme Ruy Fausto, pois a natureza não foi suprimida (*aufgehoben*), mas sim anulada, pois as barreiras externas postas (incorporadas) como barreiras internas, foram

ultrapassadas e vencidas apenas idealmente mas não realmente (Fausto remete ao conceito do “ideal” (*ideel*) em Hegel, 2016).

Nesse caso, o capital é aqui o infinito que operou a primeira negação do finito (negação que é justamente ideal e não real) e na qual por isso mesmo, o finito deve emergir de novo – nesse caso como *contradição metabólica que irrompe sobre as contradições fundamentais*. Nas condições da crise estrutural do capital, as contradições fundamentais se precipitam (*hinausstreibt*) sobre as contradições metabólicas que se tornam *limites como barreiras* que ele *não* pode ultrapassá-las. Entretanto, pode-se dizer também que o limite é a auto-expansão, onde a auto-expansão nas condições do capitalismo propriamente dito, é o desenvolvimento das forças produtivas, um desenvolvimento que é *potencialmente* infinito. Diz Ruy Fausto, citando os *Grundrisse* de Karl Marx:

Enquanto o desenvolvimento das forças produtivas aparece como infinito: ‘(...) constata-se que (...) o desenvolvimento das forças produtivas suscitado pelo próprio capital no seu desenvolvimento histórico, chegando a um certo ponto, suprime (*hebt auf*) a autovalorização do capital em lugar de pô-la. Para além de certo ponto, o desenvolvimento das forças produtivas se torna uma barreira para o capital; assim, a relação-capital se torna uma barreira ao desenvolvimento das forças produtivas do trabalho (FAUSTO, 1987).

No processo histórico do capital onde se desenvolvem suas contradições fundamentais e contradições metabólicas, há uma *dialética do finito e do infinito*. O limite é pois aqui, um infinito. No entanto, esse infinito potencial se manifesta no interior do movimento do capital, como limite (isto é, “barreira que ele não consegue ultrapassar”); e assim, como finitude (a queda tendencial da taxa de lucro, exposta por Marx no Livro 3 do *Capital*) (MARX, 2017).

Deste modo, o que queremos salientar é que, de início, o capital transforma os limites em barreiras para poder ultrapassá-las (foi o que ele fez com a natureza externa e interna do homem, ao incorporá-las como sua própria natureza). Disse Marx: ‘(...) o próprio desenvolvimento da força produtiva (...) [é] a barreira para o desenvolvimento da sua [do capital, RF] força produtiva.’ (MARX, 2011). Entretanto, existe uma “contradição viva” - é o capital e todas as suas condições que aparecem contraditoriamente como finitude na medida em que sua auto-expansão desenvolve contradições fundamentais e metabólicas, limites internos postos como barreiras que ele não consegue ultrapassá-las.

Fausto diz que o capital é produtivo, isto é, ele é uma relação essencial para o desenvolvimento das forças produtivas sociais. Entretanto, ele só deixa de ser quando o desenvolvimento das forças produtivas, elas mesmas, encontram uma barreira no próprio capital:

A universalidade à qual aspira irresistivelmente o capital, encontra barreiras na sua própria natureza, as quais num certo grau de seu desenvolvimento, fazem reconhecer ele próprio como a maior barreira a esta tendência, e por isso através dele mesmo o impulsionam à sua abolição (FAUSTO, 1987).

Fausto destaca dois movimentos lógicos de negação operados pelo desenvolvimento do capital: primeiro, o infinito potencial do desenvolvimento das forças produtivas, na qual está incorporado a natureza, aparece como finitude para o capital. Ao mesmo tempo, a finitude do capital e todos os seus limites postos como barreiras (que ele não consegue ultrapassar), aparece representando o crescimento das forças produtivas para além do capital. Diz Fausto: “Essa infinitude – que é finitude para o *capital nas condições do capital* – ultrapassa o capital”. Há assim, de acordo com Fausto, *interversão* no contrário de cada um dos termos: *o que aparecia como finito se atualiza como infinito (da segunda negação) e o infinito (da primeira negação) se revela finito na medida em que expõe – como temos salientado aqui – as contradições fundamentais e metabólicas do capital*. E Ruy Fausto conclui: “A crise do capitalismo é a emergência da identidade no interior de uma forma cuja identidade só pode ser a da não-identidade” (FAUSTO, 1987). Isto é, a natureza produzida pelo capital que se afirma como identidade entre Capital e Natureza (indústria), faz emergir uma forma histórica cuja identidade só pode ser a da não-identidade entre Natureza e capital, expondo assim, o que denominamos como contradições metabólicas do capital.

Esta é a lógica dialética que compõe o movimento do sistema do capital, que incorpora *barreiras externas* (os pressupostos metabólicos) como “barreiras internas” que lhe são específicas na medida em que se compõe com a natureza do capital e suas contradições fundamentais. A discussão das contradições fundamentais do capital deve se *articular* com o entendimento de suas contradições metabólicas que se tornaram – em si e para si – elementos compositivos do limite do capital. Disse Marx:

Ele [o capital] põe conforme a sua natureza, uma *barreira* para o trabalho e a criação de valor, a qual está em contradição com a sua tendência a se ampliar desmesuradamente. E como ele põe uma barreira que lhe é *específica* e ao mesmo tempo se precipita (*hinaustreibt*) por outro lado sobre toda *barreira*, ele é a contradição viva" [grifos de Marx) (MARX, 2011)

Quando Ruy Fausto a partir de Marx fala de possibilidade da crise, como verificamos acima, trata-se de possibilidade abstrata, ou seja, da forma abstrata da crise sem conteúdo algum. Nossa hipótese é que *o caminho da possibilidade para a efetividade da crise estrutural do capital se revela quando as “contradições fundamentais” se precipitam (hinausstreibt) sobre as contradições metabólicas que se tornam “limites como barreiras” que ele não pode ultrapassá-las.*

Na verdade, a problemática da contradição se radica em determinadas relações reais. A problemática da mudança demográfica se põe no interior da questão do crescimento exponencial do capital (HARVEY, 2016), tendo em vista o limite dado pelo próprio metabolismo demográfico da força de trabalho, a única capaz de produzir o mais-valor. Deste modo se coloca a importância para o desenvolvimento do sistema da lógica do *limite* (lógica do ser) da dialética do finito e do infinito num horizonte quantitativo (OLIVEIRA, 2004).

No plano das contradições fundamentais do modo de produção capitalista, o processo de valorização como um movimento desmedido põe sempre de novo um limite que serve de medida para a criação do valor em cada circuito subsequente, mas, na medida em que é limite quantitativo, emerge como uma barreira a ser permanentemente ultrapassada pelo próprio impulso infinito de autovalorização (o crescimento exponencial salientado por David Harvey, 2013). A crise surge, porém, quando o limite com que o capital se confronta não é mais um limite externo como barreira a ser superada, mas um limite interno ao próprio capital, manifestação de sua autonegação e que constituiu o fundamento da crise, elemento fundamental para compreender seu modo de atuar.

O metabolismo demográfico com que o capital se defronta no século XXI, não constitui um limite externo como barreira a ser superada. Ele diz respeito a um regime demográfico adequado à nova etapa de desenvolvimento do sistema – o capitalismo global (ALVES, 2018) – que se manifesta como um limite interno ao próprio capital. Portanto, é deste modo que as “contradições metabólicas” se implicam

com as contradições fundamentais do capitalismo e elas precipitam (*hinausstreibt*) sobre as contradições metabólicas, expondo as contradições metabólicas – e no caso, as mudanças demográficas – como “limites como barreiras” que o capital não pode ultrapassá-las. Esta é a manifestação de sua autonegação e que constitui o fundamento da crise, elemento fundamental para compreender seu modo de atuar.

Mas o que se coloca como problemática é como a acumulação do capital pode mudar seu funcionamento para se adaptar ao que parece ser uma situação crítica e assim se reproduzir? Esta questão foi levantada por David Harvey (2013) logo depois de fazer uma breve referência às mudanças demográficas no século XXI que devem colocar limites como barreiras à acumulação do capital e ao crescimento exponencial no sentido da produção de mais-valor.

David Harvey (2013) procurou responder tal questão observando que, diante de suas barreiras, o capital deve operar uma série de adaptações já em andamento para evitar as dificuldades de acumulação tendo em vista as mudanças demográficas. O capital deve, de acordo com ele, operar “adaptações comportamentais” que podem remodelar a dinâmica acumulativa do capital e, ao mesmo tempo, preservar sua “essência necessária” de crescimento exponencial no século XXI. Harvey salientou quatro adaptações estruturais: (1) *a forma-dinheiro impulsionando acumulações sem limites*; (2) *a destruição e desvalorização do capital*; (3) *a privatização dos ativos públicos*; (4) *a criação de novos mercados e novos cercamentos de bens comuns* (de terra e água a direitos de propriedade intelectual); *as transformações radicais na natureza, na forma, no estilo e no volume do consumo final*.

David Harvey (2013) observou que o capital tem sistematicamente encurtado a vida útil dos bens de consumo, produzindo mercadorias que não duram, forçando uma obsolescência programada e às vezes instantânea, criando rapidamente novas linhas de produtos (como tem acontecido ultimamente com os aparelhos eletrônicos), acelerando a rotatividade pela mobilização da moda e da propaganda para enfatizar o valor da novidade e a falta de elegância do velho). Enfim, o movimento da produção e do consumo de espetáculos, uma forma efêmera de mercadoria que é consumida instantaneamente. E a utilização do capital fictício,

investir o capital excedente não na produção, mas na compra de ativos (inclusive títulos de dívida). Diz ele:

As contradições, longe de conter os excessos umas das outras, como aconteceu algumas vezes no passado, serão muito mais propensas a explodir e contagiar umas às outras sob a pressão crescente de um crescimento exponencial necessário. Os valores de uso estarão fadados a ser uma consideração cada vez mais trivial num cenário de explosão de considerações sobre o valor de troca provocada pelas febres especulativas. Disso devem resultar alguns resultados bastante surpreendentes (HARVEY, 2013).

Caso não haja superações das contradições expostas, elas devem se reproduzir de forma ampliada, operando deslocamentos geográficos administradas pelo Estado por meio dos seus vários mecanismos. Entretanto, existe um *limite* para o capital: a produção do mais-valor. É o que David Harvey identificou como sendo o limite do crescimento exponencial, pois ele deve se operar por meio da produção e não da forma-dinheiro ou do capital fictício, formas falsas de superação dos limites expostos pela lei do valor.

É importante dizer que Harvey discorda que a lei tendencial da queda de lucratividade explique a crise estrutural do capital. Entretanto, ele não deixa de reconhecer que o capital encontra no século XXI, com as mudanças tecnológicas e demográficas operadas pelo próprio capital, o seu próprio limite que se manifesta, por exemplo, nas crises financeiras que expõem dificuldades de fundo da acumulação do capital produtivo, apesar da operação feita pelas políticas dos bancos centrais aliadas à classe rentista do capital.

Para além da discussão da acumulação do capital, existe uma outra problemática que o novo metabolismo demográfico do capital deve expor no século XXI e que diz respeito à contradição entre modo de produção e envelhecimento da força de trabalho. Ela diz respeito *não* diretamente à questão da acumulação de capital, embora seja produto dela. Na verdade, assistimos hoje no século XXI, à reposição da questão social do capital. Quando salientamos a crise humana como produto da contradição metabólica entre modo de produção e senescência humana, expomos a questão social entre capital e trabalho sob outra perspectiva histórica. A verdadeira “fratura metabólica” é aquela entre capital e trabalho vivo que se desdobra e expõe-se na relação do modo de produção com o ecossistema natural. Enfim, a

questão social da crise humana é a seguinte: *o que fazer com a superpopulação relativa produzida pela nova dinâmica de acumulação do capital em sua etapa de crise estrutural?* Como diria Marx (1978), “*Hic Rhodus, hic salta!*”!⁵

Referências

ALVES, Giovanni. **O Duplo Negativo do Capital: Ensaio sobre a Crise do Capitalismo Global**. Bauru: Projeto editorial Praxis, 2018.

FOSTER, John Bellamy. **A Ecologia de Marx: Materialismo e Natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FOLLONI, André. **Introdução à Teoria da Complexidade**. São Paulo: Juruá Editora, 2016.

FAUSTO, Ruy. **Marx: Lógica & Política. Investigações para uma reconstituição do sentido da dialética**. Tomo II. São Paulo, 1987.

PIQUERAS, Andrés. **Las Sociedades de las Personas Sin Valor: Cuarta Revolución Industrial, des-substanciación del capital, desvalorización generalizada**. Barcelona: El Viejo Topo, 2018.

LUKÁCS, Georg. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo editorial, 2013.

LUKÁCS, Georg. “As Bases Ontológicas da Atividade Humana”. **Temas de Ciências Humanas**. No. 4, p. 1-18, 1978.

HARVEY, David. **17 Contradições e o fim do Capitalismo**. São Paulo: Boitempo editorial, 2016.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da Lógica. 1. A doutrina do ser**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: A Lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

LYOTARD, Jean-François. **O Pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio editora, 1988.

MARQUES, Luiz. **Capitalismo e Colapso Ambiental**. 1ª. Edição. Campinas: Editora Unicamp, 2015.

⁵ “Aqui está Rodes, salta aqui!” - Esta frase é tirada de uma das fábulas de Esopo: Um fanfarrão gabava-se de ter testemunhas para provar que havia certa feita, executado um notável salto em Rodes, tendo recebido a seguinte resposta: “Para que citar testemunhas se é verdade? Aqui está Rodes. Salta aqui!” Em outras palavras: Mostra aqui mesmo, na prática, o que és capaz de fazer! (MARX, 1978)

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo editorial, 2004.

_____. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelman**. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978

_____. **Manuscritos econômicos de 1857-1858 (Esboços da crítica da economia política)**. São Paulo: Boitemp editorial, 2011.

_____. **O Capital: Crítica da Economia Política. O processo Global da Produção Capitalista**. Tomo III. São Paulo: Boitempo editorial, 2017.

MESZÁROS, István. **A Teoria da Alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo editorial, 2006.

OLIVEIRA, Manfredo A. de. **Dialética Hoje: Lógica, Metafísica e Historicidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

Giovanni Antonio Pinto Alves

Marília, SP - Brasil

Doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP, com pós-doutorado na Universidade de Coimbra (Portugal) e Universidade Complutense de Madri (Espanha). Coordenador-geral da RET (Rede de Estudos do Trabalho).

Email: giovanni.alves@uol.com.br

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8745252518066333>

Recebimento: 11/06/2020

Aprovação: 15/06/2020

Q.Code



Editores-Responsáveis

Dr. Enéas de Araújo Arrais Neto, Universidade Federal do Ceará, UFC, Ceará, Brasil

Dr. Sebastien Pesce, Universidade de Orléans, França